



As escolas ainda não têm condições para acomodar a higiene menstrual das meninas.

## HIGIENE MENSTRUAL

# Escolas sem condições para acomodar meninas

Notícias, Nacional, 29.05.2018, pág. 06, ed. 30.372

**U**MA em cada dez raparigas falta à escola durante o período menstrual, devido à falta de pessoal de apoio e condições adequadas nos sanitários.

A informação foi tornada pública ontem, em Maputo, pelo vice-ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, Armindo Ngunga, no âmbito das cerimónias centrais do Dia Mundial da Gestão da Higiene Menstrual, que se assinala a 28 de Maio.

Segundo Ngunga, o país conta com mais de 12 mil estabelecimentos de ensino geral, onde estudam mais de três milhões e duzentas mil raparigas. Deste universo, mais de um milhão têm onze ou mais anos, isto é, estão na fase da pré-adolescência, altura em

que geralmente inicia o ciclo menstrual.

Contudo, mais de metade das escolas públicas não tem acesso à água, principalmente no ensino primário. Ngunga aponta o acesso a este líquido como um dos desafios do sector.

“A água é a fundamental para a higiene, no geral, e principalmente durante o período menstrual, tendo em conta que os alunos permanecem um tempo significativo na escola. É importante garantirmos, não só espaços condignos, como também a disponibilidade de água, para que ocorra uma boa higienização. Reconhecemos que o trabalho ainda é longo. Mas com apoio e comprometimento de todos - Governo, parceiros de cooperação, sociedade civil e outras indivi-

dualidades de boa vontade - poderemos melhorar as condições”, indicou.

O evento serviu para reforçar o apelo para a necessidade de as raparigas terem acesso à informação e educação sobre as boas práticas de higiene menstrual. Foi realçada ainda a importância de os produtos de higiene menstrual serem de fácil acesso, em termos de preço e que possam ser descartados de forma segura.

Assim, o Governo comprometeu-se a reforçar em quantidade e qualidade as infra-estruturas sanitárias escolares que cumprem com os padrões de segurança e privacidade, para além da disponibilização de água, sabão, tratamento adequado do lixo e incentivar a produção de pensos alternativos.

“É ainda importante a criação de espaços para novas abordagens, com vista a desencorajar práticas culturais e tabus em torno da menstruação e, por via disso, evitar situações de estigma e exclusão das raparigas”, realçou Ngunga.

Por sua vez, Cíntia Costa, coordenadora da advocacia da WaterAid, fez saber, na ocasião, que em Moçambique o rácio sanitário/aluno é de 1/70, sendo que o ideal seria uma instalação para 25 alunas.

“A existência de tabus em relação à higiene menstrual, em geral, considerada assunto familiar e das mulheres, a fraca operação e manutenção dos sanitários são matérias sobre as quais nós os parceiros temos vindo a estudar para encontrar possíveis soluções”, disse.